

ACIDENTE

Francisco Xavante, 92, foi cercado pelas chamas no subsolo da casa de dois andares, na 703 Sul. A pousada não tem alvará da Administração de Brasília para funcionar

Incêndio em pensão mata índio

MARIA FERRI
 JOÃO RAFAEL TORRES
 DA EQUIPE DO CORREIO

Passavam poucos minutos da meia-noite, quando os 12 índios que dormiam em uma pousada da 703 Sul acordaram, sufocados pela fumaça. O fogo se alastrava pelo subsolo e térreo da casa de dois andares. Houve correria em direção à porta de saída. Acuado pelas labaredas em colchões, divisórias e camas de madeira, o cacique Francisco Xavante, que dormia no subsolo, não conseguiu escapar. O corpo dele foi retirado duas horas e meia depois que os bombeiros começaram a apagar as chamas.

Aos 92 anos, Francisco tinha vindo a Brasília lutar por melhorias para a aldeia, que fica no município de Água Boa (MT). Há uma semana, o cacique estava em Brasília com o filho Angelo, nora e netos. Queria um caminhonete para a tribo. Um outro índio xavante hospedado na pousada, instalada na casa 29 do Conjunto G da 703 Sul, precisou de socorro médico. Celestino se intoxicou com a fumaça, recebeu atendimento no Hospital Regional da Asa Norte (Hran) e foi liberado em seguida.

A dona da pensão, Arcanja Cordeiro Vasco, estava numa chácara em Samambaia na noite de domingo. Ela não soube explicar a causa do incêndio na casa que tem acomodações para 60 pessoas e funciona de forma clandestina — sem alvará da Administração Regional de Brasília. Peritos verificaram o prédio durante toda a manhã de ontem. O laudo deve ficar pronto entre 20 e 30 dias.

O hóspede Lúcio Wa-ané, 25, contou que ouviu uma explosão, mas um índio da tribo Coruba, da Região Norte, de 36 anos, apresentou versão diferente à polícia. Ele informou que viu quando dois fios soltaram faíscas ao se tocar, o que teria provocado o incêndio. “Um estava batendo no outro, segundo o índio. Fez até sinal com os dedos para explicar a cena”, relatou o agente civil da 1ª DP (Asa Sul), Sylvio Martins de Faria, que fez o boletim de ocorrência.

O corpo de Francisco deve seguir na manhã de hoje para a tribo, em Mato Grosso, num avião oferecido pela Fundação Nacional do Índio (Funai). A família de Angelo acompanhará o cortejo.

Edmundo C. Santos / Photo Agência



BOMBEIROS LEVARAM DUAS HORAS E MEIA PARA CONTROLAR O INCÊNDIO QUE DESTRUIU OS DOIS ANDARES DA CASA: ÍNDIOS SUSPEITAM DE CURTO-CIRCUITO

Pensões irregulares

O incêndio revoltou representantes da prefeitura da 703 Sul, quadra da pousada que não traz placa de identificação. De acordo com Wladimir Carvalho, membro do conselho fiscal, as pensões não oferecem segurança aos hóspedes e o problema já foi relatado à Administração Regional de Brasília. “Falta atitude firme da administração. Tem que lacrar essas pensões”, reclamou. “Há hóspedes que fazem barulho, deixam sujeira e os donos das pousadas mantêm as instala-

ções em situação precária”, denunciou Wladimir Carvalho.

Wildemar Andrade, secretário geral da prefeitura, disse que as pensões desagradam os moradores da quadra. “Fizemos um abaixo-assinado. Quase 250 moradores assinaram. Acho também incrível como a Funai deixa os índios se instalarem em locais como esses. A probabilidade de serem vítimas de um incidente é bem maior do que numa pensão organizada. Estão sendo omissos”, afirmou Andrade.

Na 703 Sul há 35 pensões clandestinas. Cinco delas hospedam

índios. Em todo o Plano Piloto, existem 178 pensões sem alvará, segundo a Administração Regional de Brasília. Estão irregulares porque são instaladas em áreas residenciais, principalmente nas quadras 700. A maioria fica na Asa Sul. O administrador Clayton Aguiar afirma que os fiscais estão notificando as pousadas para fechar o comércio ilegal. Desde 2001, está proibida a expedição de novos alvarás. Muitos donos de pensões conseguiram liminar para continuar funcionando.

“A medida que são derruba-

das, notificamos e mandamos retirar os letreiros. Mas não podemos entrar dentro das casas. Sem os letreiros, as pensões voltam a ser residências comuns e a responsabilidade é de quem hospeda”, justificou Aguiar. Ele informou ainda que enviou ofício à Funai informando a situação das pousadas. Representantes da 703 Sul criticam a atuação do administrador. “Ele sabe do problema e poderia informar a Justiça para alguma providência”, sugeriu Wildemar Andrade.

COLABOROU MARIANA CERATTI

Filho voltará a Brasília para continuar luta do pai

Angelo Xavante, filho de Francisco, foi a última pessoa a falar com o pai. O cacique dormia sozinho num quarto no subsolo. Angelo e a família estavam acomodados no térreo. Ao perceber o incêndio, ele tentou salvar o pai. “Tirei primeiro meus filhos e voltei para buscá-lo. Ele pediu para apanhar documentos e não o vi mais. Só enxergava a fumaça preta”, lamentou.

Sucessor do cacique no comando da tribo, Angelo Xavante garante que a morte trágica do pai não o fará desistir da luta. “No mês que vem pretendo voltar a Brasília para lutar por nossa camionete”, disse. Sobre a pousada, onde ficou hospedado, fez poucos comentários. Reclamou apenas que não tinha sequer água para beber.

A situação das precárias e clandestinas pousadas são conhecidas da Funai, que até junho pagava, em média, R\$ 25 pela diária de cada índio hospedado na W3 Sul. Saulo Feitosa, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário, organismo da Igreja Católica, afirma que há 15 anos denuncia o problema. “O governo federal deveria buscar

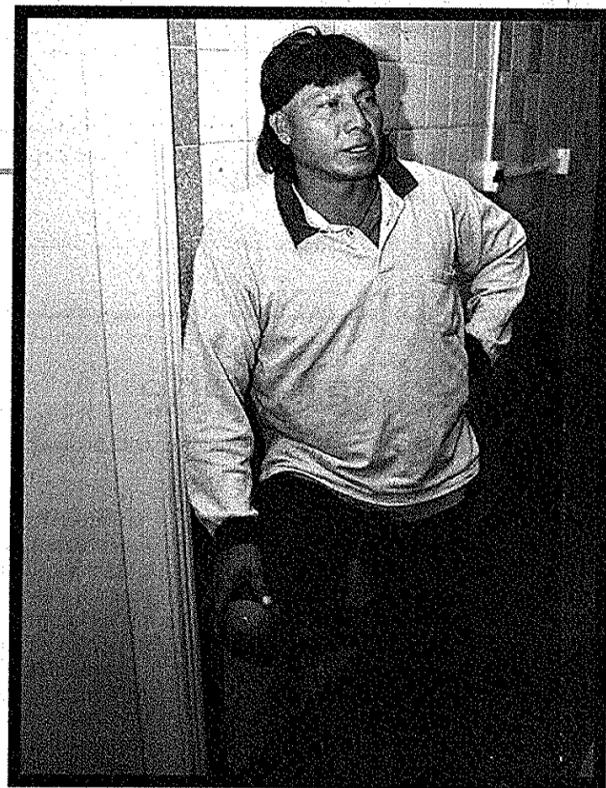
uma solução e não firmar convênio com essas pousadas, muitas com acomodações insalubres”, comentou.

A Funai explica que suspendeu o pagamento por suspeita de superfaturamento — as pousadas estariam fraudando o número de índios hospedados para receber mais. Os índios estavam usando a verba de acomodação da Funai para resolver problemas particulares. “A maioria usava as pensões como moradia, enquanto vendiam artesanato”, explicou o presidente da Funai, Eduardo Almeida.

Para retirar os índios das pensões, a Funai inaugurou em maio o Centro de Convívio e Cultura Orlando Villas Bôas, em Sobradinho, com 150 acomodações. Atualmente, 51 índios estão hospedados. “É difícil convencê-los a ficar em Sobradinho. Achem longe”, justificou Almeida. Desde 13 de junho, as pensões estão desautorizadas pela Funai a receber índios.

Em cinco meses, a Funai reduziu de 450 para 126 o número de índios atendidos nas pousadas clandestinas. De 12, apenas cinco pousadas hospedam índios. A

Carlos Moura



ÂNGELO XAVANTE TENTOU SALVAR O PAI: “SÓ ENXERGAVA A FUMAÇA PRETA”

partir de hoje, a Funai inicia uma força-tarefa para convencer os índios que insistem em ficar nas pensões a seguir para o centro de convivência em Sobradinho.

A dona da pensão que pegou

fogo espera receber da Funai as diárias atrasadas desde outubro. Ela disse que o convênio para hospedar os índios não foi suspenso. “A luz e a água foram cortadas e os índios só dormem na

“TIREI PRIMEIRO MEUS FILHOS E VOLTEI PARA BUSCÁ-LO. ELE PEDIU PARA APANHAR DOCUMENTOS E NÃO O VI MAIS”

Angelo Xavante, filho do cacique que morreu no incêndio

pousada. Eles tomam banho e se alimentam na Funai”, afirmou. A pousada foi inaugurada em 1993, mas há dois anos teve o alvará de funcionamento suspenso pela Administração de Brasília.